

ALERTA. Professor diz que poderá haver conflito entre a história imaginada e a realidade

## Inexistência pode afetar folclore

Arqueólogo teme que pesquisa prove que túneis não existem

SEVERINO CARVALHO  
REPÓRTER

Porto Calvo – O professor Scott Joseph Allen, coordenador do Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológica (Nepa) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), teme que uma pesquisa arqueológica em busca dos túneis, escavados supostamente durante as invasões holandesas, acabe afetando o patrimônio imaterial de Porto Calvo, ou seja, todo o folclore que envolve essas estruturas subterrâneas.

Ele vislumbra que poderá haver um conflito entre a história imaginada e a real se a pesquisa for levan-

da à frente.

“Há, na história da colonização das Américas, evidências da existência de túneis usados, entre outras coisas, como rota de fuga. Mas em Porto Calvo, não posso afirmar. Se um trabalho arqueológico vier a descobrir a existência dos túneis, ótimo; mas e se não existirem, como fica?”, ponderou o professor.

### ROTA

Scott esteve em Porto Calvo, em anos anteriores, durante sondagens feitas para o Projeto Rota da Escravidão/Rota da Liberdade: A Arqueologia Histórica da Diáspora Africana em Alagoas, que vai ingressar na segunda fase.

Naquelas ocasiões, Scott ouviu inúmeros relatos da população sobre a existência dos túneis, mas a pesquisa feita por ele não tinha relação com este



Scott Joseph Allen esteve em Porto Calvo durante sondagens feitas para o Projeto Rota da Escravidão/Rota da Liberdade

tema especificamente.

“A verificação da existência dos túneis, enfatizada muitas vezes pela população, é algo que me deixa com um pouco de receio, pois me parece que a arqueologia pode, de certa forma, afetar parte

do folclore de Porto Calvo, lendas que têm lugar importante no imaginário dos habitantes e para os visitantes”, observou, enfatizando que só a comunidade local pode decidir sobre a realização ou não de uma pesquisa em

busca dos túneis.

O arqueólogo considera, ainda, que a história de Porto Calvo ficou à sombra da história de outros centros coloniais, tais como Recife, Penedo e Salvador, na Bahia. Lembra, também, que a região ba-

nhada pelo Rio Manguaba foi um dos berços da produção açucareira em terras alagoanas logo após a colonização da Capitania de Pernambuco, cenário importante da ocupação holandesa e reconquista pelos portugueses.

## Professor propõe educação patrimonial

O professor Scott conta que a região de Porto Calvo foi desenvolvida inicialmente por volta de 1580, por Cristóvão Lins, que recebeu uma grande sesmaria que se estendia do Porto de Santo Agostinho, em Pernambuco, até o Rio Camaragibe, em Alagoas. Ele acredita, entretanto, que a arqueologia de Porto Calvo representa uma oportunidade inédita de aprofundar o conhecimento da

época colonial em Alagoas.

“Teremos, eventualmente, acervos de materiais arqueológicos – como cerâmica importada e de fabricação local – que auxiliarão na interpretação de diversas comunidades periféricas. O Projeto Rota da Escravidão/Rota da Liberdade fornecerá dados imprescindíveis para o conhecimento da diáspora africana em Alagoas”, considerou.

Para ele, grande desafio será, porém, a implantação de um programa de educação patrimonial, não voltado para colocar em questão as lendas, mas para orientar o público sobre os limites e possibilidades da arqueologia.

O lotérico Adelmo Monteiro defende a busca pelos túneis. “Eu comecei a me interessar pela história de Porto Calvo depois que sai do antigo Prohuban

(extinto banco do Estado) e montei uma pizzeria. Os turistas chegavam falando e perguntando sobre a história de Porto Calvo. Ficavam tristes porque, além da igreja, não tinha nada para ver. A descoberta desse túnel pode alavancar o turismo histórico em Porto Calvo, basta as autoridades se interessarem em fazer um trabalho arqueológico”, propõe Monteiro. **scq**



Monteiro defende sondagens em busca dos túneis